

A literatura na formação da criança e do jovem

(Literature in the development of the child and the youth)

Márcia Cabral da Silva

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo analisa o lugar da literatura na formação da criança e do jovem. Examina-se o romance autobiográfico, *Infância*, de Graciliano Ramos, a par de fontes históricas e dados biográficos, por evidenciarem aspectos históricos e culturais ao longo desse processo de formação. Os dados coletados referem-se à passagem do século XIX ao XX, no interior do estado de Alagoas (Brasil), no período de 1892 a 1906, extraindo-se contribuições para o desenvolvimento da criança e do jovem na sociedade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Literatura; criança; jovem

Abstract: This article analyses the role literature plays in the development of the child and the youth. The author examines the autobiographical novel *Infância*, by Graciliano Ramos, based on historical and biographical data, as they point to historical and cultural aspects throughout this process. The collected data refer to the transition between the XIX to the XX century (1892 – 1906), in the interior state of Alagoas (Brazil). It was possible to extract contributions from them to the development of the child and the youth in the contemporary Brazilian society.

Keywords: Literature; child; youth

As primeiras experiências com a literatura podem indicar um meio privilegiado de conhecimento entre a criança, o jovem e o mundo. Em ensaio emblemático, o crítico Antonio Cândido (1972) afirma que a literatura tem a capacidade de confirmar no homem a sua condição humana. E, pode-se acrescentar, condição de sujeito que, por apropriar-se da linguagem, é capaz de inventar para além dos usos cotidianos da língua, imaginar situações jamais vivenciadas, transferir-se para os papéis representados pelos personagens, além de outras dimensões próprias do fazer literário e de sua recepção.

Neste artigo, busca-se refletir sobre a experiência com a leitura literária rememorada por Graciliano Ramos em seu romance autobiográfico, *Infância*, que indique contribuições para a formação da criança e do jovem na sociedade brasileira contemporânea.

Infância, de Graciliano Ramos, foi publicado pela primeira vez em 1945, em uma coleção da editora José Olympio, intitulada Memórias, Diários, Confissões.

Graciliano Ramos, ao recuperar fragmentos do período de sua infância, parece ter ido ao encontro da compreensão de si mesmo, daquele contexto social no interior de Alagoas, na passagem do século XIX ao XX, em que viveu. Corroborados por notícias biográficas (SANT'ANA, 1992; MORAES, 1996; RAMOS, 1979), os dados colhidos no livro indicam que o autor nasceu em Quebrangulo (Alagoas), em 1892, e no período da infância para adolescência, muda-se sucessivamente, para Buíque (Pernambuco), Viçosa (Alagoas), Maceió e retorna à Viçosa. As memórias registradas em *Infância* abrangeriam, aproximadamente, o período de 1892 a 1906 – a infância e o início da puberdade do escritor, recorte desta pesquisa.

Alguns críticos de sua obra chegaram a afirmar que aquele período vivido adquiriu importância fundamental em seu modo de ser e de escrever. A razão disso talvez seja a sugestão de os personagens e o contexto da meninice emergirem, com frequência, de suas lembranças através do exercício da escrita: José Bahia, Sinhá Vitória, José Amaro, a

fazenda do avô, a vila de Buíque, a cidade de Viçosa vez por outra surgem transfigurados em um ou outro personagem e em alguns cenários.¹

No cenário assim configurado, a criança descrita nas páginas de *Infância* percorreu um longo percurso até que pudesse dominar as habilidades que envolvem a leitura e a escrita, com vistas a se aproximar dos textos de ficção. Estudiosos do processo da aquisição da leitura (KLEIMAN, 1993; TERZI, 1995; TOUGH, 1988) têm salientado a relevância de um ambiente letrado na formação do leitor. Compreende-se como tal ambiente aquele que propicia acesso a materiais de leitura diversificados, situações sociais de utilização da escrita e da leitura e mesmo a audição de histórias, nas fases que antecedem ao estudo sistematizado dessas habilidades.

Os dados referentes à condição de letramento² presentes no romance *Infância* apontam para um contexto bastante rico relativamente às narrativas orais. José Bahia, por exemplo, é um trabalhador da fazenda de seu Sebastião Ramos, uma espécie de “babá-pistoleiro”, que dedicava muitas horas a narrar histórias ao menino, em forma de aventura típica do interior.

José Bahia segurava-me os braços e rodava. Ao largar-me, eu saía tonto, cambaleando (...). Minha mãe descompunha José Bahia, mas ele não lhe dava atenção: rodopiava, contava histórias de onça, dizia que tinha nascido de sete meses, fora criado sem mamar, bebera leite das vacas na porteira do curral (RAMOS, 1993, p. 43).

1 Ver, em especial, CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

2 Conforme estudos contemporâneos formulados no contexto da Linguística e da Educação, é possível distinguir o termo alfabetização de letramento. A noção da alfabetização, historicamente, tem-se restringido à tecnologia do ler e do escrever enquanto o termo letramento revela-se mais amplo, levando em conta a capacidade que uma pessoa possui de não apenas decodificar letras e fonemas, mas de responder às demandas sociais, decorrentes das relações entre os indivíduos em uma sociedade grafocêntrica. Ver, em especial, Kleiman (1995) e Soares (1998).

Muito me haviam impressionado, em narrativas de José Baía, as referências a orações fortes, especialmente à da cabra preta, de enorme virtude... Demorar-me-ia nas esquinas, escutando histórias curiosas... (RAMOS, 1993, p. 60-1).

Do mesmo modo, as situações interativas estabelecidas com Tio Serapião revelam ambiente propício para o desenvolvimento das histórias orais e, por conseguinte, para o desenvolvimento de condições de letramento em que se inseria o pequeno leitor:

Tinham-me levado ao campo, na garupa do cavalo de meu tio Serapião (...). E Serapião me assustava narrando histórias de almas, de lugares mal-assombrados. – Sarapo, não conte isto. Cale a boca. Serapião insistia (RAMOS, 1993, p. 123-4).

Também a celebração de casos por parte dos criados da casa lança luz a este horizonte promissor:

Ponto de reunião e fuxico era a sala de jantar, que por duas portas olhava o alpendre e a cozinha (...) a gente se sentava e ouvia as emboanças dos criados (RAMOS, 1993, p. 57).

Tem-se registrada nessas imagens a riqueza dos diferentes gêneros da tradição oral típicos do interior: histórias bíblicas contadas pelo padre, narrativas de assombração que habitavam o imaginário popular, o diz-que-diz-que da gente comum.

Com efeito, os fragmentos selecionados caracterizam aspectos importantes da história social, da história de leitura no interior do Brasil, na passagem do século XIX ao XX. A sociedade na qual se insere o relato de *Infância* convivia com níveis consideráveis de sociabilidade entre criados e senhores, reunidos na sala de jantar para o relato de casos, e alto grau de oralidade, presente na transmissão de histórias curiosas contadas por José Bahia, pelo tio Serapião, pelos criados da casa.

Respeitado o grau de letramento possível à época, infere-se que a história de leitura no interior do nordeste encontrava-se fortemente marcada por narrativas orais. Dimensão que, por hipótese, contribuiu para aguçar a curiosidade do leitor em relação aos textos da tradição literária, posteriormente.

Tendo-se consolidado um cenário favorável ao desenvolvimento da leitura no meio social, acompanha-se a trajetória da criança que, após ter percorrido diversas escolas, sem que houvesse aprendido a ler, recorre à mediação de um membro da família – a prima Emília, com o intuito de aproximar-se da prosa literária:

Era necessário que a priminha lesse comigo o romance e me auxiliasse na decifração dele. Emília respondeu com uma pergunta que me espantou. Por que não me arriscaria a tentar a leitura sozinho? Longamente lhe expus a minha fraqueza mental, a impossibilidade de compreender as palavras difíceis, sobretudo na ordem terrível em que se juntavam (...) Emília combateu a minha convicção, falou-me dos astrônomos, indivíduos que liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu (...) E tomei coragem, fui esconder-me no quintal, com os lobos, o homem, a mulher, os pequenos, a tempestade na floresta, a cabana do lenhador.

Reli as folhas percorridas. E as partes que esclareciam derramavam escassa luz sobre os pontos obscuros. Personagens diminutas cresciam, vagarosamente me penetravam a inteligência espessa, vagarosamente (RAMOS, 1993, p. 190-1).

É possível observar no fragmento acima alguns aspectos importantes relativos às primeiras experiências com a leitura literária. Em um primeiro plano, tem-se a qualidade da mediação exercida pela prima Emília. Diante de um leitor inexperiente, leva-o a realizar associações entre os elementos da natureza examinados pelos astrônomos no céu e as possíveis dificuldades verificadas pelo leitor, ao entrar em contato pela primeira vez com os elementos próprios da escrita literária “Emília combateu a minha convicção, falou-me dos astrônomos, indivíduos que

liam no céu, percebiam tudo quanto há no céu. (...) E tomei coragem, fui esconder-me no quintal, com os lobos, o homem, a mulher, os pequenos, a tempestade na floresta, a cabana do lenhador” (RAMOS, 1993, p. 190-1). A qualidade da mediação entre o leitor em seus primeiros ensaios com a matéria literária constitui-se, assim, aspecto fundamental a ser considerado ao longo desse processo.

De outra parte, convém atentar para os elementos próprios da literatura, como o desenho dos personagens, a possibilidade de imaginar aventuras por meio da transfiguração da realidade em matéria literária, índices capazes de provocar a curiosidade e a motivação para a leitura por parte de quem ainda não adquiriu a experiência necessária. Essas dimensões, quando levadas em consideração, costumam favorecer uma pedagogia da leitura literária, indicando abertura para espaços de formação promissores.

Não se pode esquecer também que, naquele contexto, a literatura constituía-se dimensão formadora por outras razões: de um lado, porque permitia à criança conhecer os conceitos geográficos, traçando analogias com as aventuras dos heróis de capa e espada; o que conferia visualidade aos conceitos, evitando a repetição dos nomes dos rios e das capitais:

Os meus colegas se afastavam de mim, declamavam as capitais, os rios da Europa. Eu mascava os prolegômenos: vinte e quatro horas, trezentos e sessenta e cinco dias, raça branca, raça negra. Quando tomei pé da Europa, eles exploravam outras partes do mundo. Surdo às explicações do mestre, alheio aos remoques dos garotos, embrenhava-me na leitura do precioso fascículo, escondido entre as folhas de um Atlas. Às vezes procurava na carta os lugares que o ladrão terrível percorrera. E o mapa crescia, povoava-se, riscava-se de estradas por onde rodavam cabeças e diligências (RAMOS, 1993, p. 214).

Por outro ângulo, trata-se de material formador porque lhe permitia exercitar a imaginação criadora, “procurando os ladrões terríveis no

mapa”, visitando cidades nunca antes percorridas, tornando possível imaginar realidades fora do seu próprio círculo de experiência.

Conheci desse jeito várias cidades, vivi nelas, enquanto os pequenos em redor se esgoelavam, num barulho de feira. O rumor não me atingia. Em vão me falavam. Sacudido, sobressaltava-me, as ideias ausentes, como se me arrancassem do sono. Olhavam-me estupefato, devagar me inteirava da realidade (RAMOS, 1993, p. 214).

As relações entre a arte e a imaginação criadora têm merecido a atenção dos estudiosos. Vygotsky (1987), por exemplo, já afirmava que a dicotomia entre fantasia e realidade própria do senso comum mostra-se infrutífera, uma vez que a fantasia como resultado do exercício a partir da imaginação criadora não significa fuga da realidade. Ao contrário, no campo das manifestações artísticas, revela um modo qualitativamente diferenciado de se penetrar no real.

Ainda acompanhando-se o movimento do narrador em *Infância*, assiste-se a uma outra forma de mediação entre a criança e a literatura. Trata-se da mediação entre o narrador e o tabelião Jerônimo Barreto, um dos poucos possuidores de biblioteca particular descritos no romance:

Dirigi-me à casa, subi a calçada, retardei o passo, como de costume, diante das procurações e públicas-formas. E bati à porta. Um minuto depois estava na sala, explicando meu infortúnio, solicitando o empréstimo de uma daquelas maravilhas (...). Foi uma inexplicável desapareção da timidez, quase desapareção de mim mesmo. Expressei-me claro, exibí os gadanhos limpos, assegurei que não dobraria as folhas, não as estragaria com saliva. (...) Jerônimo abriu a estante, entregou-me sorrindo o Guarani, convidou-me a voltar, franqueou-me as coleções todas.

Retirei-me enlevado, vesti em papel de embrulho a percalina vermelha, entretive-me com d. Antonio de Mariz, Cecília, Peri, fidalgos, aventureiros, o Paquequer. Certas expressões me recordaram a seleta e a linguagem de meu pai em lances de entusiasmo. Vi o retrato de José de Alencar, barbado, semelhante ao Barão de Macaúbas, e achei notável os dois usarem uma prosa fofa (RAMOS, 1993, p. 212-3).

É digna de observação a referência à leitura de um clássico³ da literatura brasileira. O leitor, nesse cenário, com bastante autonomia, afastava as dificuldades diante da linguagem elaborada, divertindo-se, inclusive, com os tipos criados por José de Alencar: “d. Antonio de Mariz, Cecília, Peri, fidalgos, os aventureiros.” Além disso, as expressões mais complexas e de início tão temidas foram elevadas à condição de prosa fofa; ganhavam, portanto, estatuto notável na visão do leitor, dessa vez mais experiente.

Por outro lado, merece nota o acesso a um acervo literário amplo, necessário à construção da experiência a partir da literatura. Lê-se no fragmento: no lugar da dosagem relacionada à complexidade do texto por parte do adulto - expressa muitas vezes em leituras fáceis pensadas em função de faixas etárias definidas, seria proveitoso convidar o leitor a indicar, ele próprio, as leituras e temas, que mais lhe provocam curiosidade e interesse.

Necessário examinar ainda um último ponto relacionado à qualidade da mediação que exerceu Jerônimo Barreto sobre o leitor em formação. Ao franquear-lhe os diversos volumes de sua biblioteca particular, forneceu-lhe possibilidade de mudança de ordem cognitiva: a autonomia do leitor; mas indicou-lhe também material poderoso. Fica registrado, portanto, que as características próprias da linguagem literária modificaram-lhe hábitos e maneira de se expressar:

Em poucos meses li a biblioteca de Jerônimo Barreto. Mudei hábitos e linguagem. Minha mãe notou as modificações com impaciência. E Jovino Xavier também se impacientou, porque às vezes eu revelava progresso considerável, outras vezes manifestava ignorância de selvagem (...).

³ O livro clássico é aqui referido em uma das acepções que lhe atribui Ítalo Calvino (1998) - à luz da experiência e da formação. “Os livros clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram” (CALVINO, 1998, p. 25).

Minha mãe, Jovino Xavier e os caixeiros evaporavam-se. A única pessoa real era Jerônimo Barreto, que me fornecia a provisão de sonhos, me falava na poeira de Ajácio, no trono de S. Luís, em Robespierre, em Marat (RAMOS, 1993, p. 216).

Culler (1999), ao discutir consequências atribuídas à noção de linguagem performativa, isto é, ao fato de que é possível compreender a linguagem com o potencial de realizar as ações que enuncia, enfoca, em particular, as características da linguagem literária. Para o autor, a elocução literária também cria o estado de coisas a que se refere, atuando sobre aquele que a ouve, que a lê. Como ilustração, argumenta que ninguém teria a concepção de amor romântico se não tivesse lido os romances que tratam desse tema ao longo dos tempos.

Diante de tal probabilidade, é admissível que a criança, descrita nas páginas de *Infância*, a partir da leitura dos romances de aventura, estivesse, de fato, falando e se comportando de modo diferente.

Neste ponto, já é possível assegurar que o menino tornara-se leitor.

Ganham destaque, além da mediação da prima Emília, que tanto o incentivou a percorrer os caminhos anteriormente temidos, os heróis de capa e espada, a literatura em pedaços dos folhetins, a mediação exercida pelo tabelião Jerônimo Barreto.

Em uma palavra, a formação do leitor, tal como retratada em *Infância*, aponta para a assertiva de que a leitura, de caráter geral ou literária, consiste em um ato mediado pela linguagem, pela influência de outros seres humanos, conforme se procurou enfatizar ao longo das análises.

Ademais, o personagem Jerônimo Barreto pode ser considerado, dentre outras qualidades, um mestre proficiente em assuntos relacionados a práticas de leitura de natureza literária.

Outra forma de mediação a ser lembrada diz respeito à vida em sociedade. No romance, pode-se acompanhar a importância da vida social em diversas passagens. Destacam-se, em particular, a leitura de romances e as reuniões conduzidas pelo literato e ajudante do correio Mário

Venâncio, lembradas em depoimentos do autor:

Como levava uma vida bastante chata, habituei-me a ler romances. Os indivíduos que me conduziram a esse vício foram o tabelião Jerônimo Barreto e o agente de correio Mário Venâncio, grande admirador de Coelho Neto e também literato (SILVEIRA, 1939).

Márcia Cabral
da Silva

94

Aquela época foi a fase também da fundação de uma sociedade teatral em Viçosa, que, por influência e ajuda financeira de um senhor de engenho, Major Pedro Silva, foi instalada em frente à cadeia e passou a ser chamada Escola Dramática Pedro Silva. O narrador de *Infância* relata, com fineza de detalhes, o movimento que a cidade conheceu:

Ladrilharam, rebocaram e caíram o prédio; ergueram o palco, os cenários da floresta, do palácio e da choupana; Joaquim Correntão esmerou-se no pano de boca, vistoso, com três deusas peitudas. E, depois de numerosos ensaios, levaram à cena O Plebeu, que arrancou lágrimas da plateia (RAMOS, 1993, p. 225).

Mário Venâncio, grande apreciador da arte dramática, surge na cidade em meio à inauguração do novo empreendimento cultural e anunciando novidades para os jovens da cidade: a fundação de um periódico, que resultou em *O Dilúculo*, jornal da juventude, e as reuniões em sociedades literárias.

Marilí Ramos (1979), em estudo sobre aspectos biográficos e literários relativos ao irmão, Graciliano Ramos, sublinha ter Graciliano 12 anos de idade quando fundou, junto com o primo Cícero Vasconcelos, *O Dilúculo*.

O primeiro número do periódico data de 24 de junho de 1904 e pôde ser recuperado por meio do estudo mencionado. Organizado em duas colunas e constituindo-se de quatro páginas, seguem-se ao editorial contos e poemas: o conto *Pequeno pedinte*, de autoria de Graciliano Ramos, o conto *Pequeno naufrago*, escrito por Cícero Vasconcelos, o po-

ema *Enfim*, de Alberto de Oliveira. Além das manifestações literárias, registravam-se charadas e notícias sobre os acontecimentos sociais e culturais da cidade.

É curioso o fato de que o exame de *O Dilúculo* seja capaz de informar relativamente ao papel de uma imprensa desse tipo à época: expressão de inclinações literárias, incentivo à sociabilidade, obra de entretenimento. Portanto, aliado de peso na formação cultural dos jovens.

Idealizador de tão interessante periódico, Mário Venâncio, conforme o narrador de *Infância*, foi sem demora reconhecido como literato, grande apreciador de teatro e com amplo domínio da vida de escritores e escolas literárias. De tal modo, era comum a reunião dos membros da Escola Dramática Pedro Silva, os da Instrutora Viçosense, de que tomavam parte Graciliano Ramos, o primo Cícero Vasconcelos e Mário Venâncio, como bem lembram dados biográficos sobre o escritor, coletados por Moacir Sant'ana (1992) e sua irmã, Marilí Ramos (1979). Chama a atenção a reação inicial do pequeno leitor com respeito às ideias literárias conduzidas por Mário Venâncio e seu grupo:

(...) entrava na sala, enxugando os dedos longos, sentava-se à mesa coberta de jornais, cartas, almofadas e carimbos, perto da estante:

-O naturalismo...

Perplexo, eu examinava as pessoas em redor, procurava distinguir nelas o efeito da arenga difícil. Estariam compreendendo? Às vezes me assustavam discussões embrulhadas: rapazes silenciosos animavam-se, discorriam com exagero e ódio, religiosamente. Isso me dava tontura e enjoo. Uma ideia clara me surgia: os romances agradáveis eram bugiangas. Em troca, exibiam-me insipidez e obscuridade. Ali é que estava a beleza, especialmente na prosa de Coelho Neto (RAMOS, 1993, p. 227).

Depreende-se do fragmento elementos ilustrativos do grande esforço por parte do leitor em formação, para acompanhar as novidades intelectuais. Por um lado, as discussões sobre o Naturalismo não faziam sentido porque ainda distanciadas de sua capacidade de compreensão.

Por outro, a ênfase na defesa das ideias também soava como atitude estranha, pois era semelhante às discussões vivenciadas no meio familiar. Provavelmente, as ideias eram emitidas em voz alta, em tom que lhe causava desconfiança e receio. Havia, além disso, uma noção que lhe parecia clara: os romances com os heróis de capa e espada, que tanto admirava, tinham menos valor do que a ficção desconhecida.

Contudo, por mais que aquele novo ambiente lhe causasse “tontura e enjoo”, aponta-se, ali, para a perspectiva da aprendizagem de conceitos novos, a possibilidade de se aproximar “da literatura encrocada”, que de alguma forma devia atraí-lo. Verifica-se, portanto, que o leitor resistia:

Não me importavam a beleza: queria distrair-me com aventuras, duelos, viagens, questões em que os bons triunfavam e os malvados acabavam presos ou mortos. Incapaz de revelar a preferência, resignei-me e aguentei as Baladilhas, o Romanceiro, outros aparatos elogiados, que me revolveram o estômago. Cochilei em cima deles, devolvi-os receando que me forçassem comentá-los. Para mim eram chinfrins, mas esta opinião contrariava a experiência alheia. Julguei-me insuficiente, calei-me, engoli bocejos. Enquanto o dono da casa explanava a literatura encrocada, esforcei-me por entendê-la. Senti medo e preguiça. Não me arriscaria a controvérsia: acovardava-me a presença de uma autoridade (RAMOS, 1993, p. 227).

De tal modo, é de se entender, que, por mais estimulante o ambiente, e a hipótese segue nessa direção, havia dificuldades na apreensão dos conceitos literários em vias de serem construídos. Mas, em meio a vacilações, cochilos e tonturas o jovem leitor seguia adiante:

O funcionário postal facilitou-me a correspondência com livrarias: obtive catálogos de Garnier e de Francisco Alves, escrevi cartas, recebi faturas e pacotes. Não possuindo recursos, habituei-me a furto de moedas na loja, guardá-las num frasco bojudo oculto sob fronhas e toalhas no compartimento superior da cômoda. Entre níqueis e pra-

tas surgiram cédulas – e enchi as prateleiras da estante larga, presente de aniversário (RAMOS, 1993, p. 228).

Mário Venâncio não apenas expunha noções sobre tendências literárias e estilos de seus autores favoritos: Coelho Neto, Adolfo Caminha, dentre outros. Estima-se que, se não fossem suas indicações por meio de catálogos de livrarias distantes, o jovem encontraria obstáculos para adquirir os materiais de leitura, haja vista a dificuldade financeira de iniciar a própria coleção. Contudo, e apesar da sugerida dificuldade, o leitor “enchia as prateleiras da estante larga”.

Necessário, nesse ponto, acrescentar a qualidade da mediação, fruto do convívio com o agente de correio e literato, Mário Venâncio, às conclusões preliminares sobre as influências exercidas por Jerônimo Barreto à formação inicial do leitor em formação por meio da literatura.

E o jovem literato não exerceu pequena influência. Os dados analisados apontam, de um lado, para a formação dos primeiros conceitos no que respeita a tendências e escolas literárias. De outro, para a ampliação do universo de interesse, onde cabiam as prosas de Coelho Neto, de Adolfo Caminha, de Aluísio de Azevedo, de Eça de Queirós. Vê-se assim que, de fato, a recepção da “prosa encrencada” ocorreu entre um misto de receio e admiração. Não obstante, desenvolveu-se. O leitor, mais ainda.

Como se procurou assinalar, as narrativas orais, assim como a leitura de ficção, exerceram grande importância na formação inicial do leitor descrito nas páginas de *Infância*. Por um lado, enfatizou-se o papel da mediação de qualidade, no âmbito privado, exercido pelos criados da casa, Tio Serapião, pela prima Emília, grande motivadora no período inicial. De outro, observaram-se as influências de natureza diversa exercidas na vida em sociedade, fosse pelo tabelião Jerônimo Barreto, proprietário de biblioteca particular, fosse por Mário Venâncio, literato e mentor intelectual do jovem em formação.

Ademais, convém assinalar que as ideias extraídas do romance analisado e aquelas enfatizadas ao longo deste estudo poderiam contribuir para a implementação de políticas públicas relacionadas à formação do leitor tão em voga nas discussões contemporâneas sobre leituras rarefeitas e leitores pouco experientes.

Dentre as principais contribuições observadas, destacam-se: a organização de espaços culturais de formação, como a escola dramática Pedro Silva; as reuniões onde se liam e se discutiam conceitos relacionados à literatura, conduzidas por Mário Venâncio; o exercício da escrita do jornal, *O Dilúculo*, desenvolvido pelos jovens da cidade de Viçosa, por intermédio do qual se tornavam possíveis o exercício de manifestações literárias e a reflexão sobre os acontecimentos culturais e sociais que agitavam a cidade. A leitura dos clássicos nacionais, assim como das obras relacionadas à literatura universal, também merece ser enfatizada tanto pelo valor social quanto pelas possibilidades de desenvolvimento humano assinaladas.

Por último, sublinhe-se que esses elementos atualizados poderiam resultar em práticas de leitura em meio as quais fossem valorizadas a experiência e a formação de crianças e jovens na sociedade brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Edições 34, 1999.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação no homem. **Ciência e cultura**. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, setembro, v. 24, n. 9, p. 803-9, 1972.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

JORNAL DE ALAGOAS. **A Arte e a Literatura em Alagoas**. O que são, o que pensam, o que lêem os nossos artistas e literatos. Maceió, 18 de setembro de 1910.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

KLEIMAN, Angela. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática de escrita. Campinas: Mercado Aberto, 1995.

MORAES, Denis de. **O Velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1996.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Posfácio de Octávio Faria, ilustrações de Darcy Penteado. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

RAMOS. Marilí. **Graciliano Ramos**. Alagoas: Igasa, 1979.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Graciliano Ramos**: Vida e Obra. Maceió: Secretaria de Comunicação Social – SECOM, 1992.

SENNA, Homero. **República das Letras** (20 entrevistas com escritores). 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Olímpica, 1968.

SILVA, Márcia Cabral da. **Uma história da formação do leitor no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SILVEIRA, Joel. Graciliano Ramos conta a sua vida (reportagem). **Revista Vamos Ler**, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1939, p. 8-10.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TERZY, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**: uma experiência com crianças de meios iletrados. Campinas, São Paulo: Pontes; Ed. da Unicamp, 1995.

TOUGH, Joan. Children's use of language and learning to read. In: PARKER, Robert P.; DAVIS, Frances A. (Eds.). **Developing literacy**: young children's use of language. Newark: International Reading Association, 1998.

Márcia Cabral
da Silva

100

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **La imaginacion y el arte en la infancia**. México: Ediciones y Distribuciones Hispanicas, 1987.